

Aproximações entre a Estética da Conectividade e a Interatividade em Visualidades Expográficas Museais

Pablo Fabião Lisboa (UFG)

Palavras-chave: estética da conectividade, arte e tecnologia, interação em museus

Resumo

Nosso trabalho introduzirá de maneira contextual o tema da estética a partir da teoria do filósofo Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762). Dialogará com o tema da tecnologia no âmbito da cultura visual a partir da presença cada vez mais constante de instrumentos de interação e captura de imagens nos fluxos que envolvem a tecnologia de informação e comunicação nos processos de fruição estética. A visualidade é uma construção social (ROSE, 2007), logo, uma construção discursiva, onde, hoje em dia, sua interlocução se dá hegemonicamente pelo intermédio das imagens. Qualquer produção de linguagem é uma construção que não é inocente e os pesquisadores precisam constatar quem são as pessoas que as produzem e os porquês motivadores dessas pessoas para a emissão de determinados significados a partir desse fluxo de imagens. Essa análise contextual do campo de estudo em tela, guarda grande proximidade com a estética de Baumgarten que está comprometida antes de tudo com as condições universais em que se manifesta o belo (TOLLE, 2007: 6). O que “está em jogo antes de tudo é uma concepção de homem que reivindica o sensível como seu espaço de atuação propriamente dito” (IDEM: 27). Reside na recepção das informações oriundas de um determinado produto artístico o processamento do que convencionamos chamar de arte. Essa ciência do sensível, em comunhão ou separação, nos dá a pista chave para o projeto da constatação de uma estética vinculada a cultura digital que coletivamente reúne dinâmicas culturais naquilo que se convencionou chamar de cibercultura. Essa dinâmica é o da conexão. Estar conectado é a condição que proporciona uma fruição artística única e de maneira singular nos tempos atuais. “Na vertente tecnológica, a arte não é simplesmente algo a ser contemplado, mas algo a ser experienciado pela ação, pela interatividade, deflagrado pelo objeto, pelo produto” (ROCHA, 2001: 127).

Introdução

O presente trabalho apresenta uma combinação entre conteúdos trabalhados nas disciplinas e no projeto de pesquisa “A estética da Conectividade”, em processo no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da UFG. Introduz de maneira contextual o tema da estética a partir da teoria do filósofo Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) dialogando com aspectos vinculado a metodologia da pesquisa.

A necessidade em abordarmos o tema da tecnologia no âmbito da cultura visual origina-se da presença cada vez mais constante de instrumentos de interação e captura de imagens nos fluxos que envolvem a tecnologia de informação e comunicação nos processos de fruição estética no âmbito da Arte e da Cultura Visual, especificamente no contexto das Visualidades Expográficas Museais. Sabe-se que por se tratar de um programa de pós-graduação em emergência, dissertações e teses que façam um razoável background a partir dos conceitos da cultura visual podem contribuir na consolidação do programa bem como expandir a divulgação dos seus conceitos originários.

Nas páginas que se seguem, apresentamos um conjunto de conteúdos que dão suporte para o início da construção da tese que nesse final de 2015 ganhou corpo a partir das discussões realizadas na disciplina em questão. Basicamente são dois tópicos, um de abertura e outro de fechamento. Abrimos o artigo, primeiramente abordando o tema da visualidade a partir de princípios caros ao Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, para depois, tocarmos em conceitos fundamentais na obra de Baumgarten, sobre estética, que são um pilar importante para a construção de nossa tese. Fechamos o artigo juntando informações sobre a ocorrência da estética da conectividade.

Experiência do Público em Exposições

Organizar uma exposição museal prescinde da eleição de um público, do conhecimento e reconhecimento dos repertórios que transitam nesse público e, o mais importante: realizar processos curatoriais que incluam parte do público. A Museologia Social (MOUTINHO, 1993) processo germinado em 1972 pela Declaração de Santiago no congresso da UNESCO, vem fazendo pressão na correlação de forças presentes no campo da museologia. A Museologia Social incide de maneira qualitativa e quantitativa, no sentido de não mais aceitar a postura institucional dos museus que guardam distanciamento dos públicos, exacerbada postura focada nos objetos como fins supremos dos objetivos museológicos. A Museologia Social estimula que os museus sejam abertos e aplicados em explorar e reconhecer o seu próprio contexto social. a recorrência de ecomuseus, museus comunitários, ganham potência nessa "nova tomada de consciência orgânica e filosófica" (MOUTINHO, 1993, 7). É na esteira da Museologia Social que se torna possível alcançar resultados expográficos que advém de processos metodológicos coletivos e inclusivos. O campo do design da experiência do usuário se torna ferramenta importante no subsídio para a promoção de curadorias coletivas e participativas que gerem conteúdos de representação real das comunidades envolvidas na comunicação entre museu e público. "Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolhas, tomar decisões quanto ao 'o que' e 'como'" (CURY, 2005, 43). O público não poderá ser um mero participante passivo na interação com os conteúdos do museu. Na educação, Paulo Freire na década de 1960 já

tinha nos alertado sobre a aplicação de uma educação bancária onde o professor "depositava" conteúdos na mente dos alunos passivos. David Berlo nessa mesma década tomo como abstração um "balde" para denunciar a aplicação de uma "teoria do balde" por parte das emissoras de comunicação que tomam o espectador por um recipiente inativo que tem somente a capacidade de reproduzir os conteúdos que essas mesmas emissoras emitem. Não é de hoje que existem constatações teóricas a partir de práticas unilaterais praticadas, seja na educação, como demonstrou Paulo Freire, seja na comunicação como demonstrou David Berlo. A Museologia Social segue uma mesma estratégia interpretativa, e vai além quando sugere a operacionalização de ações que democratizem o museu no que diz respeito aos seus conteúdos e também em relação aos atos de poder que definem temas e abordagens.

Visualidades e a Estética em Baugartem

A visualidade é uma construção social (ROSE, 2007), logo, uma construção discursiva, onde, hoje em dia, sua interlocução se dá hegemonicamente pelo intermédio das imagens. Qualquer produção de linguagem é uma construção que não é inocente e nós pesquisadores precisamos constatar quem são as pessoas que as produzem e os porquês motivadores dessas pessoas para a emissão de determinados significados a partir desse fluxo de imagens. Talvez o principal legado do advento da "virada cultural" reside na consideração de que qualquer texto, (a virada cultural começa na linguística) tem certos endereçamentos e defende interesses específicos a partir de certos lugares. Nossa tarefa enquanto pesquisadores é indagar sobre esses endereçamentos e lugares. Mesmo que a comunicação seja hegemonicamente por imagens, Rose (2007) questiona o termo cultura visual: "visual cultureisnotthen a termto beused", defendendo que o mais importante é apenas reconhecer que as imagens visuais podem ser poderosas e sedutoras (ROSE, 2007, p. 10). Metodologicamente, esse foco é determinante para frutos acadêmicos e científicos.

Percebamos que, não se trata de pensar "coleções visuais" mas de pensar o que essas imagens podem transmitir das relações de poder e das tensões e dos modos de pensar o mundo em curso. Para exemplificar, quando começamos a pensar certas relações entre os games e as guerras, podemos perceber uma forte relação entre esses dois repertórios imagéticos, ou seja, elas estão relacionadas. Logo, não se trata de apenas tão somente pensar "coleções" de visualidades mas, antes de tudo, refletir sobre a abordagem que é operacionalizada por meio da cultura visual. De forma conclusiva, Rose (2007) propõem que pensemos, não pragmaticamente nas imagens, mas no modo como são tratadas as imagens.

Essa análise contextual do campo de estudo em tela, guarda grande proximidade com a estética de Baumgarten que está comprometida antes de tudo com as condições universais em que se manifesta o belo (TOLLE, 2007,

p. 6). Vejamos que o que “está em jogo antes de tudo é uma concepção de homem que reivindica o sensível como seu espaço de atuação propriamente dito” (IDEM, p. 27). Reside na recepção das informações oriundas de um determinado produto artístico o processamento do que convencionamos chamar de arte.

“A relação entre sujeito e mundo, pelo menos no campo da imediatez, isto é, da interação entre atenção e percepção, que é o domínio propriamente dito da ciência do sensível, nos obriga, por conseguinte, a levantar a suspeita se há, de fato, mais uma comunhão do que uma separação entre os dois andares do ser. Foi Descartes, aliás, quem chamou a atenção para o fato de que, na vida, a separação entre corpo e alma se torna difusa e, talvez, insustentável: ‘não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo.’” (TOLLE, 2007, p. 34-5)

Essa ciência do sensível, em comunhão ou separação, nos dá a pista chave para o projeto da constatação de uma estética vinculada a cultura digital que coletivamente reúne dinâmicas culturais naquilo que se convencionou chamar de cibercultura. Essa dinâmica é o da conexão. Estar conectado é a condição que proporciona uma fruição artística única e de maneira singular nos últimos tempos. “Na vertente tecnológica, a arte não é simplesmente algo a ser contemplado, mas algo a ser experienciado pela ação, pela interatividade, deflagrado pelo objeto, pelo produto” (ROCHA, 2001, p. 127). Cleomar Rocha (2007) empresta de Edmond Couchot (2003), Arlindo Machado (2005), Roy Ascott (2002) e outros, aspectos de vão ao encontro da estética da conectividade, em artigo que versa sobre experiência estética tecnológica.

A Estética da Conectividade

Agora que entendemos o tratado inicial arrazoado por Baumgarten e sua abordagem sobre o tema da estética, passamos ao tratamento da especificidade da nossa tese, que é o de colocar em questão a existência de uma estética da conectividade. Nosso objetivo é o de trabalhar em duas frentes: conceituação da estética da conectividade e projeto de exposição com aparato tecnológico expográfico onde serão aferidos os conceitos trabalhados ao longo da tese.

Se observarmos o que ocorre hoje no mercado de telecomunicações, poderemos evidenciar que a demanda mudou. A preocupação agora não é mais de alcançar os públicos, até mesmo porque o número de celulares supera o número de pessoas, o que não quer dizer que a totalidade das pessoas tem celular, mas que o parâmetro agora é muito mais o de comportar o trânsito de uma carga cada vez maior de dados. Ao abrir uma exposição que deve ser ativada pelos dispositivos móveis dos seus interatores/visitantes, o nó poderá

residir na falta de capacidade de armazenamento de dados e não no ter ou não ter o aparelho móvel.

O uso do smartphone é de uma agudez surpreendente. São 1,3 celulares por habitante no Brasil. O smartphone é hoje um dos principais dispositivos digitais usados no País. “Pesquisa da Deloitte aponta que o brasileiro é altamente conectado: 57% dos entrevistados que possuem smartphones usam seus aparelhos menos de cinco minutos após de levantar” (CAROS AMIGOS, 2015)

Se há em curso uma convergência digital que altera os padrões de consumo, esse acultramento que é utilizado para atividades bancárias, educacionais e de comunicação pessoal em geral, dentre outras ações, também vai encorpar a sensibilidade das pessoas para a fruição artística. Independente de acessarmos ou não visualidades típicas do campo da arte, a própria utilização das ferramentas digitais para processos comunicacionais já pode ser um nível de experiência estética nata das pessoas conectadas. Jacques Rancière apresenta uma noção de estética muito aproximada daquilo que estamos inclinados a conceber enquanto estética vinculada a sensibilidade.

“Estético, porque a identificação da arte, nele, não se faz mais por uma distinção no interior das maneiras de fazer, mas pela distinção de um modo de ser sensível próprio aos produtos da arte. A palavra ‘estética’ não remete a uma teoria da sensibilidade, do gosto ou do prazer dos amadores de arte. Remete, propriamente, ao modo de ser específico daquilo que pertence à arte, ao modo de ser de seus objetos” (RANCIÈRE, 2012, p. 32)

É nesse “modo de ser sensível” que a arte encontra a recepção dos interatores/público. A partir dessas premissas iniciais do projeto de estudo sobre a estética da conectividade que iremos adentrar ao estudo da produção artística atual como forma de produzir uma espécie de “análise de similares”, termo que empresto do campo do design, para utilizar no “desenho” em forma de inventário, de práticas artísticas digitais que prescindam da conectividade para sua realização. Com base no arcabouço teórico e da análise das obras tecnológicas conectadas e conectáveis é que proporemos uma exposição relacionada ao tema de nossa tese.

A partir da atuação do prof. Kjell Yngve Petersen da Universidade de Copenhague (Dinamarca), estamos estudando a pesquisa explorativa sobre a estética da conectividade global desenvolvida por Petersen. O autor advoga que a abordagem estética é uma maneira de explorar possibilidades em relações mediadas pela tecnologia, que por sua vez informam o desenvolvimento de modelos uniformes que se correlacionam com a experiência participativa, estratégias de composição e design tecnológico. Partindo de situações na internet formatadas como “performance online”, permitem que sejam explorados estruturas chamadas de “protótipos” em desenvolvimento que apresentam eventos que envolvem a complexidade de comunicação completa da plataforma integrada como veículo artístico. (TELEMEDIAÇÕES, 2011, Online).

Para tal empreendimento, foi articulada uma rede de pesquisas com a expectativa de que pesquisadores da Universidade de TI de Copenhague, Dinamarca; da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil e do Conservatório Central de Música de Beijing, China, complementassem-se uns aos outros em pesquisas interdisciplinares sobre atividades de performance conectadas globalmente.

A grande expectativa é de que as pesquisas realizadas por Petersen possam servir de subsídio teórico e prático para o empreendimento de nossa tese, por se tratar de atividades que promovem investigações através de experimentos artísticos, que pretendem impulsionar processos de protótipos tecnológicos que envolvem uma série de tecnologias híbridas, assim como nós pretendemos fazer no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da UFG.

Considerações Finais

Com isso, o conceito de arte vai se alargando e a construção social do “ver” emerge durante a construção social do que deve ser dito como arte. A cultura visual não vai hierarquizar as suas modalidades deixando a devida abertura para o novo. No caso das artes mecânicas e a sua subalternidade perante às belas artes, é exercida uma pressão gerando certa discrepância que por ocasião das ideias da cultura visual, deveria desaparecer para dar visibilidade democrática às expressões artísticas de forma geral.

Mas a tecnologia traz a possibilidade da interatividade nos fluxos de fruição artística, porém, “é o expectador que faz a obra”, para citar uma frase célebre de Marcel Duchamp. Mitchell defende que nunca houve imagens físicas e sim imagens mentais, pois o “ver” tem um caráter social e o repertório visual é legitimado socialmente.

O pós-estruturalismo vem desconstruindo a ideia de estrutura e a hierarquização o que para a arte é extremamente importante. Vejamos que durante toda a história da arte foi efetivada o duo Arte/produto – Artista/produção. A cultura visual privilegia uma tríade que inclui a audiência/receptor nessa relação. Talvez por isso os Museus tenham tido pouca audiência ao privilegiar uma perspectiva ainda modernista.

Referências

CAROS AMIGOS. “Nada será como antes”. Notícia. Publicada por Roberto Rockmann, em: 23 dez. 2015. Revista. 2015.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

MOUTINHO, Mario Canova. Sobre o Conceito de Museologia Social. In: Revista: **Cadernos de Sociomuseologia**. Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, v. 1, n. 1. Lisboa, Portugal, 1993. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>>

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível – Estéticas e política. São Paulo: Editora 34, 2012.

ROSE, Gillian. Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials. Sage Publications: London, 2007.

ROCHA, Cleomar. O imanente e o inacabado: entre as dimensões sensível e pragmática da experiência na estética tecnológica. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila. Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2011.

TOLLE, Oliver. Luz Estética: A ciência do sensível de Baumgarten entre a arte e a iluminação. (Tese de doutorado). Orientador: Prof. Dr. Victor Knoll. Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP: São Paulo, 2007.